

Homem com H: a masculinidade em destaque

Glícia Cleani de Sousa¹

Bertulino José Souza²

Man with an H: masculinity in the spotlight

Hombre con H: la masculinidad en el centro

Resumo

O século XXI é palco de guerras, pandemia, crises ambientais, econômicas e sociais, em meio a isso, o homem como protagonista na apropriação de bens e corpos, muitas vezes, através da violência, indicando a urgência de repensar os papéis atribuídos historicamente ao homem dentro da sociedade. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva refletir sobre os padrões de masculinidade que reforçam a ideologia da superioridade masculina. Para tanto, utiliza a revisão bibliográfica da literatura apresentando o contexto histórico e social que coopera para a imposição do modelo de masculinidade pré-estabelecido e confrontá-lo com as transformações sociais atuais. Como resultados percebe-se escassez teórica acerca do tema masculinidade. Conclui-se que, diante dos aportes teóricos sobre masculinidade, é necessário pesquisar os múltiplos modelos de masculinidades.

Palavras-chave: *Identidade masculina; Dominação; Masculinidade.*

1 Mestre em Planejamento e Dinâmicas Territoriais do Semiárido. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Professora da Prefeitura Municipal de Jericó- PB. E-mail: gliciasousa@alu.uern.br.

2 Pós Doutorado - Antropologia Social e Cultural, Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Vida. Professor da UERN-CAN e Mestrado em Planejamento e Dinâmicas Territoriais do Semiárido. Email:bertulinosouza@uern.br.

Abstract

The 21st century is the scene of wars, pandemics, environmental, economic and social crises, which men are protagonists in the appropriation of goods and bodies, often through violence, indicating the urgency of rethinking the roles historically attributed to men within society. In this sense, this paper aims to reflect on the standards of masculinity that reinforce the ideology of male superiority. Uses a bibliographical review of the literature, presenting the historical and social context that contributes to the imposition of the pre-established model of masculinity confronting it with current social transformations. The results show that there is a lack of theory on masculinity. The conclusion is that, given the theoretical contributions, is necessary to research the multiple models of masculinities

Keywords: *Masculine Identity; Domination; Masculinity.*

Resumen

El siglo XXI es escenario de guerras, pandemias, crisis ambientales, económicas y sociales los hombres son protagonistas de la apropiación de bienes y cuerpos, muchas veces por violencia, indicando la urgencia de repensar los papeles históricamente atribuidos a los hombres dentro de la sociedad. Este estudio pretende reflexionar sobre los estándares de masculinidad que refuerzan la ideología de la superioridad masculina, utiliza una revisión bibliográfica de la literatura, presentando el contexto histórico y social que coopera en la imposición del modelo preestablecido de masculinidad y confrontándolo con las transformaciones sociales actuales. Los resultados muestran que existe una falta de teoría sobre la masculinidad. La conclusión es que, dadas las contribuciones teóricas sobre la masculinidad, es necesario investigar los tipos de masculinidades.

Palabras clave: *Identidad masculina; Dominación; Masculinidad.*

Introdução

No momento atual, ano de 2023, século XXI, é feito o convite para um exercício reflexivo: imagine um homem, sim, apenas um homem. Atente-se aos traços físicos, aos detalhes das roupas, dos calçados, do cabelo, dos acessórios. Mentalmente surge a imagem deste homem. Coloque-o em um trabalho, imagine-o exercendo uma profissão, vá além. Observe a conversa dele com outros homens, analise seu comportamento, os sentimentos, o diálogo. Sobre o que falam? Como se sentem estando entre homens?

Ao elaborarmos o conjunto de imagens mentalmente é notório perceber que cada uma delas corresponde a uma criação individual gerada a partir das vivências, experiências e práticas sociais adquiridas. Esse exercício imagético visa questionar o modelo que possuímos do que é ser homem, bem como das suas relações em coletividade. É preciso compreender que durante a história das sociedades houve aspectos que fomentaram a criação dos papéis de gênero estabelecidos entre os sujeitos. Nesse contexto, a cena criada mentalmente é fruto de uma construção social, um produto cultural, assim sendo, mutável.

Ao longo da história da humanidade foram sendo construídos os conceitos e modelos sociais contestados atualmente. Dessa forma, o cerne das nossas discussões configura-se em torno da superioridade masculina, do papel opressivo desempenhado pelos homens frente às mudanças ocorridas a partir do movimento feminista, o qual trouxe à tona a pauta da igualdade de gênero e a participação da mulher na sociedade. Ao tratar sobre questões de gênero, a historiadora Joana Maria Pedro (2011) afirma que: “Falar de gênero significa deixar de focalizar a “mulher” ou as “mulheres”; trata-se de relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre homens” (Pedro, 2011, p. 273).

A luta feminista contribuiu significativamente para o questionamento dos papéis sociais entre homens e mulheres, além de estabelecer uma importante contribuição que impulsionou os estudos acerca de gênero. Judith Butler ao

definir gênero como performance, conjunto de práticas e hábitos corporais que inscrevem o sujeito num dado relacional. A performatividade do gênero é um efeito do discurso e o sexo consistiria num efeito do gênero. As regras discursivas da heterossexualidade normativa produziriam performances de gênero, e a própria sexualização dos corpos derivaria de tais performances. De forma que nem gênero nem sexo seriam substâncias permanentes (Butler, 2007).

A partir da ótica feminista surgem os primeiros questionamentos sobre o homem e sobre as masculinidades. O estudo sobre o papel do homem e a forma como estruturalmente constituiu-se a superioridade masculina frente os mais diversos contextos motivou os estudos da masculinidade. As constantes teorizações, problematizações são necessárias devido a crescente urgência em se pensar os papéis sociais, seu modelo histórico e a realidade contemporânea.

Quando é que se percebe que está na hora de repensar certas definições que, ao longo do tempo, foram se naturalizando como verdades? Para pensar essa realidade é preciso compreender como costumes se incorporam à nossa visão de mundo. Diante disso, o presente artigo objetiva refletir sobre os modelos de masculinidade que reforçam a ideologia de superioridade masculina.

O Brasil reflete a realidade do cenário mundial quanto à valorização da masculinidade. Nesse ínterim, dialogar sobre modelos de masculinidade justifica-se pela necessidade de esgravatar esta temática em um contexto que englobe raízes históricas, contemporaneidade, questões sociais, culturais e políticas.

O presente artigo estrutura-se em cinco temáticas. A primeira aborda as concepções de gênero construídas socialmente, a constituição social dos corpos e o evento da dominação masculina. Mostra ademais, a influência que o feminismo tem no debate sobre o papel social do homem, destacando que o estudo sobre a masculinidade é um campo teórico recente.

A segunda discorre sobre a história das sociedades e o surgimento do patriarcado, bem como sua continuidade ao atravessar as mudanças sociais e econô-

micar no mundo e ao se estabelecer como corrente que originou os modelos de masculinidade presentes na sociedade atual; a terceira contempla a discussão sobre a masculinidade hegemônica, apontando a força ideológica que sustenta um modelo de homem branco, heterossexual, forte, viril, provedor da casa, o símbolo da dominância sobre a mulher e sobre os homens que não se assemelham a este padrão; a quarta problematiza a masculinidade tóxica como expressão de confirmação do masculino por meio da força, violência, brutalidade, sexo e virilidade; e a quinta traz a discussão sobre o machismo como representação da autoridade, a soberania moral, a superioridade masculina como expressão do macho nordestino.

Um Breve Escrutínio da Performance Masculina

Diariamente, nos noticiários televisivos, nas redes sociais, nacional e internacionalmente temos notícias de abusos e violências praticadas por homens contra mulheres, contra pessoas LGBTQIAP+, contra os próprios homens. Lamentáveis acontecimentos violentos tornam-se públicos. O caso em questão, trata de um anestesista que é preso em flagrante por estupro de uma paciente que passava por cesárea no Rio de Janeiro, noticiado em onze de julho de 2022 (G1, 2022).

Em doze de julho de 2022, Chico César publica no *feed* de sua página pessoal do *Instagram* uma postagem com a seguinte legenda:

A gente acorda num hotel em Teresina e pergunta o que é um homem? Há notícias de abusos, assassinatos, estupros, coisa de homem e de poder sobre o corpo do outro, da outra, da rês pública. Gado zangado em seu próprio açougue, é desconfortável ser homem, imagina ser mulher e vítima! No aeroporto me confundem com mulher, que alívio (OficialChicoCesar, 2022).

O posicionamento do cantor nas redes sociais preconiza um questionamento e sua aversão como figura pública ao grandioso número de atrocidades cometidas por homens, levando a reflexão sobre certos paradigmas que, ao

longo do tempo, foram sendo incorporados na dinâmica social sem causar muito estranhamento. É preciso indignar-se diante de uma realidade na qual o homem é, na maioria das vezes, sinônimo de violência.

Na esteira das discussões é preciso destacar a relação entre os conteúdos disseminados nas redes sociais e refletir sobre o alcance de tais temáticas e ainda, questionar como estes podem influenciar na associação entre masculinidade e violência. Neste íterim o grupo Red-Pill, destaque na reportagem da *Revista Veja*: “Movimento Red Pill revela a face cruel e reacionária do machismo nas redes”. - Inaceitável iniciativa de cunho misógino reverbera planeta afora em onda cuja *hashtag* alcançou inacreditáveis 44 bilhões de visualizações. Imagine um exército virtual propagando conteúdos pesados de dominação e que mulheres são propriedade masculina e que já chega dessa brincadeirinha feminista e que o homem é o dominador, dono de tudo e de todos, deixando para aqueles que não concordam com este ideal como sendo otário ou maricas (Barros, 2023).

O grupo denominado Red Pill (traduzindo pílula vermelha) faz alusão ao filme australo-estadunidense *Matrix* (1999), onde o personagem escolhe entre a pílula vermelha (ver a realidade como ela é) e a pílula azul (viver na ilusão). Red Pill conta com inúmeros adeptos no mundo todo, artistas, atores, cantores, coaches, *influencers* da masculinidade que disseminam misoginia, homofobia, sexismo, dominação masculina entre outros temas polêmicos. Incitam o poder masculino sobre os outros pautados num retorno ao conservadorismo, um retorno ao passado selvagem ao nomear as características do verdadeiro macho, violento, viril, sexual, poderoso social e economicamente como macho alfa, chefe da alcateia, os outros com menos atributos seriam macho beta e sigma e estarão sempre sob o comando de um macho alfa (Barros, 2023).

O cenário apresentado culmina na realidade violenta vivenciada atualmente. O *Atlas da Violência 2021* do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA apresenta os seguintes dados sobre homens:

É um fato global que homens adolescentes e jovens entre 15 e 29 anos são os que mais apresentam risco de serem vítimas de homicídios [...]. Com efeito, no Brasil a violência é a principal causa de morte dos jovens. Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 óbitos e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31. Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país (IPEA, 2021, p. 27).

O Brasil continua sendo o país onde mais se mata LGBTQIAPN+ no mundo. Tomando como referência o *Relatório de Mortes Violentas de LGBTQIAPN+ no Brasil*, elaborado pela ONG Grupo Gay da Bahia, o ano de 2022 registrou 256 mortes, sendo 242 homicídios (94,55%) e 14 suicídios (5,45%) do total de mortes violentas de LGBTQIAPN+ no país (GGB, 2023).

O Brasil registrou 1.463 casos de mulheres que foram vítimas de feminicídio no ano passado, ou seja, cerca de 1 caso a cada 6 horas. Esse é o maior número registrado desde que a lei contra feminicídio foi criada, em 2015. Uma alta de 1,6 % maior que o ano de 2020 (FBSP, 2023).

O *Relatório de Mortes Violentas de LGBTQIAPN+ no Brasil* aponta o Nordeste como a região mais violenta para LGBTQIAPN+, com 46,36% do número de assassinatos. Já o estado da Paraíba ocupa o 16º lugar no ranking dos estados com mais assassinatos de pessoas LGBTQIAPN+, sendo que no território paraibano os municípios de João Pessoa e Patos foram os únicos a apresentarem dados estatísticos dessas violências (GGB, 2023).

O Nordeste continua sendo a região mais insegura para LGBTQIAPN+, com 46,3% das mortes (111). A Bahia assume a primeira posição no ranking com 27 mortes (10,5%), em um cenário populacional três vezes inferior a São Paulo, seguido de Pernambuco na terceira posição e do Maranhão na quinta, confirmando a persistência da homofobia tóxica nordestina do “cabra macho”, em tempo que requer dos gestores públicos e da população em geral uma reflexão sobre medidas efetivas de respeito à vida deste segmento (GGB, 2023).

Os dados acima reportam a principal preocupação das discussões acerca das violências contra gays e travestis no interior do sertão nordestino, se há relação dessas com os padrões de masculinidade. Aqui debruçamos, especificamente, sobre o território de Catolé do Rocha-PB, na intenção de focar a realidade deste local.

De acordo com o *Dossiê sobre Assassinatos e Violências contra Travestis e Transsexuais brasileiras em 2021*, elaborado pela ANTRA, a ausência de dados governamentais, somada à dificuldade de acesso aos poucos dados existentes, apontam para um cenário grotesco de invisibilidade e subnotificação. O que ocorre é que dos dados apresentados pelo SINAN, 98% não possuem a informação sobre a identidade de gênero. No caso do Disque 100, os dados nem sequer referenciam a identidade de gênero de pessoas trans (ANTRA, 2022).

Os dados apresentados objetivam contextualizar o posicionamento do cantor Chico César diante da realidade de inúmeras situações violentas, onde o homem atenta contra pessoas LGBTQIAP+, mulheres e outros homens, traçando um norte acerca das discussões que se seguem. Recentemente um vídeo publicado na plataforma *YouTube*, no canal “Manual do Homem Moderno” com o sugestivo título: “Energia masculina – como acessar sua masculinidade” (*YouTube*, 2020) –, mostrava um homem gritando e sendo correspondido por outros. O grito representava a afirmação da masculinidade e do poder do homem manifestando virilidade e liderança, disseminando apologia à construção do masculino através da dominação das mulheres e homofobia (Welzer-Lang, 2001).

Para melhor compreensão sobre masculinidade é necessário problematizar as concepções de gênero, Judith Butler a definir gênero como performance, conjunto de práticas e hábitos corporais que inscrevem o sujeito num dado relacional. A performatividade do gênero é um efeito do discurso e o sexo consistiria num efeito do gênero. As regras discursivas da heterossexualidade normativa produziriam performances de gênero, e a própria sexualização

dos corpos derivaria de tais performances. De forma que nem gênero nem sexo seriam substâncias permanentes (Butler, 2007).

Quando Butler (2007) redefiniu gênero como performance e performatividade, interrogou-se sobre a produção e a reprodução do sistema sexo/gênero normativo e binário, concluindo que da mesma maneira que sexo e sexualidade não são a expressão de si ou de uma identidade, mas efeitos de um discurso sobre o sexo, o gênero também não é uma expressão do sexo.

A saber, homens e mulheres não nascem com peculiaridades comportamentais de gênero, pois cada ser vai performando uma posição de acordo com os padrões sociais definidos pela sociedade. Nesse contexto, as estruturas de dominação que atravessam as relações entre homens e mulheres perduram desde os primórdios das organizações que instituíram a hierarquia de poder masculino e que configuram um fenômeno de permanência de valores até a atualidade (Butler, 2007).

Para Bourdieu (2021) a dominação exercida estrutura-se na violência simbólica de quem domina e quem é dominado “isto ocorre através de mecanismos conscientemente elaborados pelos homens para exercerem o poder sobre as mulheres em um processo gradual de socialização do biológico” (Bourdieu, 2021, p. 48).

A construção social dos corpos parece estar na ordem das coisas como um processo natural, haja vista que essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar pela divisão entre os sexos, compreendida como evidente, reconhecida e legitimada pela sociedade. No livro: *A dominação masculina* (2021), Bourdieu discorre sobre a naturalização e a perpetuação da dominação masculina, além de ressaltar o processo de desigualdade nas relações de gênero. A dominação masculina é definida, pelo autor, como uma violência simbólica (exercida pela via do conhecimento e da comunicação) imperceptível até por quem a sofre (Bourdieu, 2021).

A lógica inicial é compreender que a força da ordem masculina é que ela dispensa justificação e a visão androcêntrica impõe-se como neutra em todos os discursos, a fim de legitimá-la. “A opressão das mulheres pelos homens é um sistema dinâmico no qual as desigualdades vividas pelas mulheres são os efeitos das vantagens dadas aos homens” (Welzer-Lang, p. 461, 2001).

Como agentes disseminadores dessa ideologia da superioridade masculina figuram o próprio homem, a Família, a Igreja, a Escola e o Estado.

À família cabe o papel principal da dominação e da visão masculina; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão social do trabalho. [...] A igreja marcada pelo antifeminismo profundo [...] ela inculca uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inferioridade feminina. A escola, mesmo quando liberta da tutela da Igreja continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança). [...] O Estado que veio ratificar e reforçar as prescrições do patriarcado privado com as de um patriarcado público, inscrito em todas as instituições encarregadas de gerir e regulamentar a existência cotidiana da unidade doméstica (Bourdieu, 2021, p. 141-143).

A rigor, o que foi exposto exprime um recenseamento sobre a ótica das instituições na reprodução dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres numa construção que perpassa temporalidades e encontra-se enraizada na forma como contemplamos a sociedade contemporânea (Althusser, 1985).

O privilégio masculino tem dupla significação já que, com a mesma profundidade que estabelece a superioridade, cria um efeito de dominação quando determina atributos e comportamentos que forcem o homem à necessidade constante de provar sua masculinidade através da virilidade, comportamentos que incitam a supervalorização da performance sexual, e ainda, grande propensão/ inclinação ao exercício da violência retratam uma masculinidade que fere a si mesmo e aos outros (Welzer-Lang, 2001).

O mundo masculino é determinado pelo ideal de dominação que age sobre os outros e sobre si mesmo. Ele encontra tensões e contensões permanentes, gera

hierarquias nas relações de poder entre os indivíduos. Grosso modo, gera o perfil de masculinidade que se sobrepõe ao outro (Connell, 1995).

Em meio aos inúmeros debates acadêmicos sociais e políticos sobre o papel dos homens na luta pela igualdade de gênero, é importante ressaltar que “gênero é uma forma em que a prática social é ordenada” e as masculinidades são as “configurações de práticas” (Connell, 1995, p. 71). Dessa forma, torna-se imprescindível relatar o caráter mutável de masculinidade formado através de práticas sociais. Nesse contexto é necessária uma reflexão acerca das masculinidades plurais e que enfoquem as transversalidades como faixa etária, raça, classe social.

Os estudos de gênero concatenam uma análise ao papel social do homem que, de acordo com Connell (1995, p. 188), remete a um “conjunto de atividades e expectativas que definiam a masculinidade apropriada.” Haveria, portanto, uma definição restritiva que não contemplava relações de poder, violência e desigualdade. Advindo dessa lacuna surge o conceito de masculinidade. Por essa lógica, o foco das reflexões centraliza-se na masculinidade e suas diversas expressões.

O *Dicionário Crítico de Gênero*, dos autores Ana Maria Colling e Losandro Antonio Tedeschi, foi organizado para apresentar vocábulos de referencial crítico e termos problematizadores, dentre estes, o termo masculinidade apresenta a seguinte conceituação:

A masculinidade, portanto, não é estática, nem atemporal, é histórica; não é uma manifestação da natureza ou de uma essência psicológica interior, é um construto social e simbólico; não é uma mera ascensão à consciência de uma diferença de natureza biológica, mas é uma criação cultural a partir da observação dessa diferença, que foi, ao longo do tempo e em várias sociedades, transformada em princípio de desigualdade entre homens e mulheres (Colling, 2019, p. 491).

Em entrevista à *Carta Capital*, o advogado e pesquisador Dr. Fabio Mariano da Silva ressalta que “discutir masculinidades aponta caminhos para romper com esse pacto que há entre os homens. Romper com a ideia do homem como sujeito universal” (Martin, 2021). Nesse sentido é necessário assimilar

a heterogeneidade da realidade que incide em inúmeras formas de conceber as masculinidades, tanto para homens quanto para mulheres. Os paradigmas que sustentam a idealização de uma masculinidade universal hegemônica, na verdade, intencionam perpetuar o modelo que legitima a obediência acrítica aos parâmetros de masculinidade tradicional.

Com base no exposto, a filósofa transfeminista argentina Sayak Valencia, pesquisadora de temas como feminismo, capitalismo, decolonialismo, política, transfeminismo e masculinidades afirma:

Porque la masculinidad no es una esencia, es necesario que los varones reflexionen y entiendan que la masculinidad como performance cultural naturalizada artificialmente, incorporada y reproducida por sujetos concretos está sometida a cambiar conforme a las transformaciones que se den en el orden social (Valencia, 2013, p. 120).

Valencia (2013) destaca o caráter mutável de masculinidade. Dessa forma, as condições sobre as quais a hegemonia pode ser sustentada estão constantemente mudando. Como consequência disso, os padrões estão sujeitos a contestações e transformações ao longo do tempo.

O pesquisador Fábio Mariano da Silva em entrevista ao *site* Universa do Uol “rechaça a existência de uma masculinidade hegemônica para falar de masculinidades hegemônicas que disputam e – ao mesmo tempo – acentuam o poder entre si cooptando o discurso e a ação de grupos considerados não hegemônicos” (Martin, 2021). Considerando as discussões acerca de masculinidade elencadas até aqui é impreterível atentar para o fato de que existem diversas expressões de masculinidades produzidas num mesmo contexto social, uma tentando sobrepor-se à outra, ambas tentando afirmar-se no topo da hegemonia.

De acordo com Kimmel (1998), as masculinidades são socialmente construídas e não há como conceber a ideia que esta seja apenas essência, mito ou tampouco biológica. Considerando a masculinidade como construção, é pertinente entender que ela é atravessada por relações de poder. Por isso, torna-se funda-

mental enfatizar os debates, as teorizações e a compreensão que o estudo acerca dessa temática é entrelaçado aos estudos de gênero, raça, etnia e classe social.

Observamos com relação ao gênero o mesmo que com o desenvolvimento econômico, com relação às construções históricas dos significados de masculinidade. Enquanto o ideal hegemônico estava sendo criado, ele foi criado em um contexto de oposição a “outros” cuja masculinidade era assim problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros (Kimmel, 1998, p. 105).

As questões que norteiam os estudos sobre masculinidades contemplam os padrões hegemônicos e os modelos subalternos, dissidentes ou plurais. É preciso elencar aqui um rol de masculinidades que não estão incluídas dentro dos moldes hegemônicos, mas estão atravessadas por inúmeras outras características sociais, econômicas, de gênero, etnia, raça, região, por um leque de identidades que são a expressão da multiculturalidade brasileira. Entre elas as masculinidades: indígenas, negras, gays, asiáticas, de homens gordos, transmasculinidades, do nordestino, do imigrante e muitas outras representações (Vieira, 2021).

Diante disso, considerando-se os pressupostos do estudo sobre a matriz de masculinidade imposta por estruturas de poder, analisar a relação entre os padrões de masculinidade e violência contra gays e travestis, para tanto, urge, mesmo em meio à pluralidade das masculinidades. É válido destacar que o contexto apresentado trará apenas uma parte do espectro deste estudo, pois utilizaremos o modelo de masculinidade que dita o lugar de privilégio social, econômico, histórico, racial, étnico e de classe: o patriarcado, masculinidade hegemônica, tóxica e machista.

A gênese e o patriarcado

A pintura de Michelangelo é uma obra de arte conhecida mundialmente e reveste o teto da Catedral Sistina em Roma. Nela o artista retrata o instante

no qual a vida humana está prestes a começar e faz intertextualidade com o texto bíblico “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” A mensagem implanta a ideologia de que existe o homem, semelhança de Deus e o outro ser, “subjugado”, também parte da criação, a mulher (Lerner, 2019).

As muitas indagações sobre como se formou o ideal de superioridade do homem incita a conhecer as origens histórico-culturais implícitas na formação de masculinidade e feminilidade que atravessam as sociedades em diferentes épocas e se instituem como verdades quase que universais (Bourdieu, 2021).

A filósofa francesa Simone de Beauvoir apresenta a mulher com grande poder e influência na estruturação dos povos. A figura feminina estava ligada às características como fertilidade, vida, fecundidade e eram tidas como superiores por serem “deusas” capazes de gerar a vida. Para a autora, o fim da sociedade matriarcal e a ascendência do modelo patriarcal ocorre através da origem da propriedade privada, a escassez de alimentos, a divisão do trabalho, a necessidade da força física, o uso da violência e da guerra para proteger suas terras. Esses aspectos trazem a proeminência do masculino, além disso, expande o conhecimento sobre o papel do homem na procriação.

Destarte, a necessidade de proteger o patrimônio gera uma preocupação com a hereditariedade e incorpora para ele a posse dos filhos e a apropriação da paternidade. A partir disso, institui-se o casamento e o feminino é subjugado, para a esfera doméstica, sendo a principal função feminina a procriação. Enquanto isso, o homem se consolida como chefe familiar e estende seu modelo de dominação aos diversos campos da sociedade (Beauvoir, 1980).

O povo hebreu acreditava na existência de laços sanguíneos, no elo com seus antepassados comuns. Para este povo deveria ser transmitido ao filho primogênito a posição de chefe ou senhor, linhagem priorizando-o ante a posição da esposa ou filha. Advém daí o modelo utilizado pela monarquia de sucessão patriarcal ao filho homem: o primogênito (Lerner, 2019).

O modelo patriarcalista foi estabelecido em Atenas, na Grécia clássica e fundamentado no conceito de essência da filosofia platônica; o ser é, é determinado. A categoria de essencialista levou a consagração de um pensamento que fundou uma realidade de dominação e por esta ideologia define-se a essência da mulher, do escravo, do homem, instituindo-se assim, uma dominação na concepção de realidade que se impõe através da cultura. Surge uma realidade hierarquizada dominante, refletida no homem e altamente difundida, na qual os homens exercem funções políticas e as mulheres eram vistas como meras reprodutoras perante a sociedade.

A palavra patriarcado é de origem grega pater (pai) arkhe (superior, origem, comando). Tendo como indicativa o conceito antropológico, patriarcado significa autoridade do pai, autoridade do homem. Para a educadora Kate Millet (2017), o conceito de patriarcalismo, na visão político feminista, etimologicamente, significa a expressão da supremacia do homem como figura central da família, a figura que expande e estrutura o modelo da sociedade ocidental.

Na Idade Média com a questão da ruralização e do feudalismo, as relações patriarcais mantiveram-se, e foram adequadas às novas formas de organização social. Com o tratado de vassalagem, o suserano aceitava receber a família de camponeses em suas terras, contudo, os acordos eram feitos exclusivamente pelos homens. Na falta de um representante masculino, o acordo era feito, mas o suserano exigia favores sexuais pelo acolhimento da família (Lerner, 2019).

A sociedade do poder centrado no homem caminha para a posteridade, tanto na da Idade Média como na Idade Moderna, pois os reis desejavam ter filhos homens, primogênitos, herdeiros para garantirem a dominação e a manutenção do poder. Dessa forma, o patriarcado vai se moldando através da história e consolidando a supremacia do homem em relação às mulheres, à sociedade, à política e economia (Lerner, 2019).

No Brasil, o patriarcado herdado da Europa chega ao país através da colonização. O modelo de homem colonizador traz consigo as características dos

povos que estão na base da pirâmide social portuguesa, os presos, os degredados, endividados, falidos, sem muito conhecimento intelectual, e dotados de comportamentos violentos de dominação que se caracterizavam pela força e pela repressão. É importante fazer este contraponto, pois a gênese da criação da masculinidade brasileira advém dessas peculiaridades (Lerner, 2019).

Em seu livro *Devassos no paraíso: a homossexualidade da colônia aos dias atuais*, João Silvério Trevisan nos apresenta a construção de uma identidade homossexual brasileira. Tomando como ponto inicial a sexualidade livre vivida pelos povos originários antes da chegada dos colonizadores, que em nada se assemelhava ao comportamento estabelecido pelo cristianismo português. Como forte marca do processo de aculturação portuguesa, os preceitos do cristianismo foram estabelecidos e todas as expressões de sexualidades que não estavam de acordo com a origem, fundação e manutenção da família eram terrivelmente combatidas (Trevisan, 2018).

A sociedade colonial brasileira se define pelo contexto agrário, posses, escravos e terras que pertenciam ao homem. Associado a isso ocorre o processo de transmissão de valores da masculinidade que legitima a agressividade como estruturante da verdadeira forma de ser homem. Nesse sentido, é importante fundamentar o papel da cultura, a qual permite o repasse dos valores de dominação masculina, configura a identidade de gênero, reproduz as relações de poder, ao passo que elabora lugares preestabelecidos para homens e para mulheres (Green, 2018).

A historiadora Gerda Lerner define o patriarcado como “manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral” (2019, p. 290). Nesse sentido, Freyre (1997) apresenta, em suas obras, relatos que cartografam como o sistema patriarcal se estabelece. Inicialmente, no Nordeste, com o surgimento da monocultura da cana-de-açúcar fundamenta-se um modelo de organização social alicerçado no patriarcalismo.

Inicialmente, é importante estabelecermos uma diferenciação entre patriarcalismo e família nuclear. A família nuclear é a família constituída por laços sanguíneos: pai, mãe, filhos. Já a família patriarcal é rural e vai além dos laços de sangue, pois é formada por todos os parentes, empregados, escravos, agregados e quem mais deseje receber acolhida e proteção em troca de favores e benefícios. O comando de todas as relações internas e externas ligadas à política e à economia era exercido pela figura masculina do “patriarca chamado de patrão, pai, padrinho, chefe ou coronel” (Freyre, 1997).

Esta estrutura de formação social, com base no domínio masculino, acompanhou o desenvolvimento do país desde a cana de açúcar no Nordeste, no século XIX, até as fazendas de café, na região de São Paulo e no sul do Rio de Janeiro. Ela esteve presente nas fazendas de criação de gado em Minas Gerais, nas instâncias do Rio Grande do Sul com as charqueadas. Dessa forma, marca todo o território brasileiro ao perpetuar-se no tempo como uma estrutura iniciada na colonização, atravessa o imperialismo, institui-se na primeira República e permanece até os dias atuais (Furtado, 2003).

No território do sertão Nordestino, os antigos paradigmas se repetem, pois os patriarcas já não estão mais na figura do coronel. O modelo foi atualizado e agora os homens poderosos e influentes figuram como grandes nomes da política local, regional e nacional. Estes perpetuam seu poder e estendem benefícios a todos aqueles que o apoiam e/ou obedecem. Mesmo nos dias atuais, as trocas de favores por benefícios configuram o esteio da politicagem no contexto nordestino (Domingos, 1999).

O processo histórico de formação do Brasil impactou consideravelmente a construção do modelo de masculinidade social perpetuada até os dias atuais. Advindo do sistema patriarcal, o padrão masculino denota uma supremacia masculina entre os gêneros e determina o que é ser um homem de verdade, além de instituir um modelo a ser seguido. Na nossa sociedade o padrão é do homem heterossexual, branco, forte, viril, violento e todas as pessoas que

não se encaixam nele são tidas como inferiores. Esse padrão instituído reflete sobre as mulheres e sobre a maior parte dos homens que não atingem essa hegemonia (Miskolci, 2012; Bento, 2015).

Um modelo para todos: masculinidade hegemônica

A socióloga transfeminina Raewyn Connell, pesquisadora dos temas relacionados à educação, gênero, ciência política e história é a precursora nos estudos e na formação de conceitos acerca da masculinidade. A estudiosa criou, na década de 1980, uma das definições mais utilizadas “a masculinidade hegemônica”. A masculinidade hegemônica, na concepção da autora, denota uma supremacia masculina entre os gêneros, determina o que é ser um “homem de verdade” e institui um modelo a ser seguido.

No imaginário social a construção da masculinidade hegemônica ultrapassa o campo da subjetividade e estabelece a superioridade masculina como aquela que serve de referência aos demais. Desde cedo, os homens são ensinados a corresponderem às expectativas sociais de sua classe identitária. Fazem parte dessa preparação comportamentos como: ter atitude proativa, força, coragem, agressividade, ou seja, atitudes que o preparam para o exercício do poder.

Partindo-se desse padrão o homem é incentivado a moldar sua conduta, a fim de não demonstrar afetividade ou sentimentos. Essas questões se tornam, portanto, impositivas ao comportamento masculino e representam expressões violentas, mas necessárias à autoafirmação do sujeito macho na sociedade. Geralmente essa autoafirmação vem expressa em frases como “homem não chora”, as quais direcionam o homem a ser ou a tornar-se heterossexual, ser competitivo, provedor da casa, exercer dominância sobre a mulher, ser racional, objetivo, defender sua honra, estar a todo o momento reafirmando sua masculinidade (Bento, 2015).

Raewyn Connel, ao abordar “políticas da masculinidade”, ratifica a existência de uma agenda para a promoção de masculinidade exemplares “[...] os ataques

da nova direita contra o estado do bem-estar, tem além de dimensão de classe, também uma dimensão de gênero” (Connel, 1995, p. 195). Nesse contexto, é válido citar a postura de Jair Messias Bolsonaro, presidente eleito no ano de 2018, que apregoa a ideologia de um grupo defensor da masculinidade hegemônica na imposição de valores heteronormativos que reforçam a exclusão de grupos minoritários, especialmente mulheres, comunidades LGBTQIAP+, negros e negras.

No calendário das efemérides brasileiras, 28 de outubro [de 2018] será o dia Nacional em que a extrema direita saiu do armário. A eleição de Jair Bolsonaro [...] e suas declarações misóginas, violentas e racistas - abriu caminho para um tipo muito característico: o homem branco e rico (Quatel, 2018).

Por seu turno, o exposto reafirma a estreita relação entre a masculinidade e as relações de poder que têm como expoente a massiva necessidade de sobrepor um modelo hegemônico na tentativa de diminuir ou subjugar qualquer outro modelo que não lhe seja semelhante (Quatel, 2018).

A relação intrínseca entre a masculinidade hegemônica e a violência é notória ao considerarmos que a essência masculina é forjada por situações que exigem uma postura violenta desde a infância. De acordo com Ribeiro (2017) demonstrar violência passa a ser uma forma de pertencimento social, conforme podemos observar:

A construção social das masculinidades é um dos graves problemas estruturantes da cultura no Brasil, pois é praticada e criada a partir de imposições de brutalidade, competição, força, potência, coragem, entre outros valores a serem preservados e valorizados [...] umas das várias formas de violência contra a própria subjetividade masculina, onde indivíduos veem violentados para se tornar homens, a violência sofrida é refletida em forma de agressão com os outros (Albuquerque Júnior *apud* Pereira; Ribeiro, 2006, p. 268).

Sabendo-se que a postura masculina está ligada ao contexto social e cultural, podemos citar que existem masculinidades plurais e que não é possível perceber uma masculinidade como única, pois embora o modelo hegemônico seja normativo, ele não abarca todas as conotações da essência masculina, nem suas expressões relativas às diferenças como etnia, classe social, orientação

sexual, religiosidades, as quais remetem a diversidade de comportamentos masculinos ao longo da história (Connell; Messerschmidt, 2013).

O medo de não ser homem: masculinidade tóxica

O conceito de masculinidade está em constante mutação a depender dos contextos nos quais é produzido. No Brasil, algumas masculinidades incorporam particularidades rígidas e hegemônicas, estruturadas por padrões patriarcais (Zanello, 2020). Como uma dessas masculinidades, destaca-se a masculinidade tóxica. Para Geledes (2017, p. 123):

Uma disposição estreita e repressiva da masculinidade que designa como definida por violência, sexo, status e agressão, é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são os padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são os meios pelos quais seu status como ‘homem’ pode ser removido. Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica estão a supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo a procurar ajuda, até coisas ainda mais graves, como perpetuação encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo.

Em seu artigo, “Masculinidade, cumplicidade e misoginia na Casa dos Homens: um estudo sobre grupos de homens no Whatsapp” a professora Valeska Zanello (2020), analisa postagens e comportamentos de homens em grupos de *whatsapp* e enfatiza que os homens instituem atitudes e ideologias que são repassados como forma de reafirmação masculina. A autora denomina a necessidade de aprovação masculina de outros homens e a imposição de comportamentos machistas como “Broderagem” (termo que exprime masculinidade, lealdade e cumplicidade).

Em que pese acerca dos comentários analisados por Valeska Zanello (2020), na “Casa dos Homens”, aparecem temas comuns aos participantes do grupo: objetificação da mulher, racismo, etarismo, lipofobia, mulher comparada a

carne (sexualidade animalizada), antifeminismo e chacota a violência contra mulheres, homofobia, virilidade (sexualidade irrefreável). Para a autora, esse padrão de masculinidade representa uma vertente exagerada de superioridade do homem e da brutalidade, responsável pelo alto número de violência de gênero, feminicídio, tirania doméstica e está fortemente atrelado às características como: uso da violência como forma de dominação, misoginia, desprezo a mulheres e/ou a qualquer pessoa que esteja assumindo uma identidade pertencente ao gênero feminino (Zanello, 2020).

Ao traçarmos um contraponto com a realidade atual, evidenciamos o caso do morador de rua que, ao se envolver com uma mulher casada acometida por uma doença mental, fica famoso ao contar detalhes de sua experiência sexual. Frases de cunho obsceno proferidas pelo homem em situação de rua “pediu pra botar tudo” e “comi e como de novo” viralizaram. Por mais que pareça absurdo, o homem em questão virou símbolo de masculinidade, o garanhão, o viril, o ícone sexual que concedeu diversas entrevistas contando também a sua versão dos fatos. Destarte ganhou inúmeros seguidores nas redes sociais, apoiadores, inclusive, famosos e *digitais influencers*, tornou-se empresário e criou um estimulante sexual como primeiro produto de sua marca “Pau de mendigo” (YouTube, 2022). Contextos como estes, suscitam questionamentos sobre: O que é ser homem? Qual modelo de homem é socialmente aceito e valorizado?

Essas particularidades positivam a ideologia do comportamento dos homens, suas formas de identificação, relacionadas às construções sociais que corroboram com as práticas de dominação e tornam a masculinidade tóxica como ação possível e perpetuável. Assim sendo, a violência passa a ser o marco da expressão do “habitus” dominante da masculinidade (Bourdieu, 2021).

A imposição da superioridade por atitudes violentas caracteriza a masculinidade tóxica, pois estas imposições dispõem sobre a valorização do masculino e a desvalorização do feminino, independente do sexo do indivíduo. Ainda

que ele apresente traços do gênero feminino em um corpo biológico masculino será visto como inferior (Geledes, 2017).

A masculinidade tóxica, dessa forma, eleva o macho à condição de dominante, apregoa ideias de cunho misógino, enquanto a mulher é vista apenas para fins reprodutivos. Esse tipo de masculinidade incita a violência, crimes, estupro e assassinatos. Em suma, a masculinidade tóxica se torna perigosa para toda a sociedade, inclusive para o próprio homem, pois incentiva a um comportamento de risco, ao mesmo tempo em que exige uma postura que ele mesmo não concorda, mas que, às vezes, tem que assumir para reafirmar sua masculinidade (Oliveira; Silva, 2021).

Macho mastiga a abelha e cospe o ferrão: o machismo

A frase “só é macho quem mastiga a abelha e cospe o ferrão” é um ditado popular de domínio público, de autoria desconhecida, que expressa a essência da subjetividade formadora do homem bruto, rústico, sistemático.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, inicia-se o processo de colonização/apropriação de terras, corpos e bens que resultou no processo de aculturação (Quinalha, 2018). Ao receber a influência dos portugueses, inicialmente no Nordeste, desenvolveu-se na região uma cultura patriarcalista com o homem no domínio de todas as esferas que representam o poder.

O modelo de aculturação portuguesa expandiu-se por todo o Brasil e junto com este, originam-se o desenvolvimento de várias localidades em todo o país. No escrutínio do tempo, a região Sudeste eclode como o grande centro de desenvolvimento urbano, social e econômico e como resultado disso, o cerne da modernização e da industrialização. O Nordeste, em contrapartida, na contramão, insiste na agricultura e criação de gado. Ocorre, então, uma dissociação entre crescimento e atraso, sendo o Sudeste o moderno e o Nordeste o arcaico. Em resposta a este fenômeno é construída para o Nordeste

uma ideologia de apego às tradições, religiosidade e cultura, intencionando valorizar uma concepção mais pura de brasileiro, contrária aos ideais da modernidade intelectual que estava feminilizando a imagem do homem brasileiro (Albuquerque Júnior, 2011).

A música, a literatura e outras artes forjam um homem nordestino, macho, telúrico, capaz de enfrentar todas as adversidades naturais, econômicas e sociais na defesa do que lhe pertence. Um Homem hercúleo, acima de tudo forte, pautado na herança de um patriarcalismo dono de terras, de corpos e do poder e contrário à chegada de tempos modernos, supervalorizando o latifúndio, a agricultura, a moral religiosa, o uso da força física na defesa de seus ideais (Albuquerque Júnior, 2013).

Dado que, no Nordeste, todas essas características são fortalecidas pelo imaginário cultural, coagindo homens e mulheres a manterem esse perfil violento, bruto e rústico, do “macho que mastiga abelha e cospe o ferrão” e por imposição surge a mulher macho, mulheres que perpetuam o machismo através da educação dada aos filhos, contribuindo para a exaltação da superioridade masculina (Sousa, 2023).

A natureza explicaria uma característica decisiva no nordestino, a de ser másculo, viril, macho. Só um macho poderia defrontar-se com uma natureza tão hostil, só com uma exagerada dose de virilidade se conseguiria sobreviver numa natureza adusta, os que se identificam ressequida, áspera, árida, rude; traços que se identificam com a própria masculinidade. Por isto, até a mulher sertaneja, era masculinizada pelo contato embrutecedor com um mundo hostil, que exigia valentia, destemor, resistência [...]. Os homens fracos, frágeis, afeminados não teriam lugar numa terra assim, não sobreviveriam (Albuquerque Júnior, 2013, p. 172).

Tomando como parâmetro a afirmação de Zanello (2020, p. 85) de que o Brasil é um país sexista, pode-se afirmar que o Nordeste foi e é o berço desse sexismo, dessa forma, o machismo estrutural define lugares para homens e para mulheres. A ideia de dominação masculina é expressa através da performance de masculinidade dominante, onde para o homem são permitidos privilégios

gios sociais como transitar em ambientes públicos, uso excessivo de bebidas alcoólicas, lugares monossexuados como: frequentar casas de prostituição, casas de jogatinas, ir a festas, churrasco, futebol, praticar abertamente a poligamia e todo este comportamento é fortalecido naturalmente pelo machismo. Para as mulheres reserva-se a vida privada, a monogamia, o cuidar dos filhos e dos pais, dos sogros; e a estas são entregues todas as tarefas domésticas, quando muito exercem uma profissão, devem ser religiosas e submissas à figura masculina (Welzer-Lang, 2001).

Os padrões de masculinidade são apresentados como fator cultural de hierarquização, edificante do aparato de dominação masculina, o que é identificável não apenas entre os homens, mas, em alguns casos, reproduzidos pelas mulheres. Decorre daí uma postura também machista por parte das mulheres, tal condição faz com que o machismo configure-se como uma prática presente em ações de pessoas envolvidas num determinado contexto social, não apenas atitudes concatenadas à categoria de gênero (Saffioti, 2018).

Nesse sentido tendo a valorização da masculinidade como prática social, percebemos gays e travestis que performam como femininos sendo excluídos e estigmatizados, inclusive por homens gays. Cria-se, então, um padrão em que os gays que performam o masculino, acabam sendo mais aceitos e acolhidos, devido à internalização do conceito de masculinidade aprendido ainda na infância, do homem másculo, forte e viril (Eribon, 2008).

Em “*Vigiar e Punir*”, Foucault trata de instituições como a cultura cristã, familiar e as relações de poder que objetivam formar corpos dóceis que não se revoltam, corpos obedientes que seguem o mesmo padrão, pois, a partir da vigilância, o corpo vai reprimindo os seus atos e se moldando aos padrões e normas. A vigilância é uma coerção a agir dentro das normas, infligir tais regras representa punição (Foucault, 2014). Nessa perspectiva reforça-se o padrão de homem machista, sexista, homofóbico, diminuindo e desvalorizando o feminino, este comportamento além de adoecer homens e mulheres

distorce o ideal de liberdade social, pois aos homens é destinado o espaço público, de poder, aos outros, a vida privada. Como para toda regra há exceções, ocorre que alguns homens e mulheres ultrapassam a linha tênue do sexismo, mas estes sofrem violências pela atitude de quebrar as condutas perpetuadas historicamente (Welzer-Lang, 2001).

Considerações finais

O enfoque do presente artigo evidencia que diante das mudanças estruturais dos papéis estabelecidos socialmente pela heteronormatividade, advindos do binarismo homem e mulher surgem os estudos feministas que, por sua vez, originam as reflexões sobre gênero e masculinidade e, posteriormente, resultam nas investigações que englobam também orientação sexual e identidade de gênero.

Tendo como ponto inicial o feminismo e as discussões sobre as desigualdades de gênero, chega-se a um ponto crucial das análises: a problematização sobre a masculinidade. As ponderações desta pesquisa evidenciam o caráter estrutural da dominação masculina atrelada ao modelo de homem idealizado culturalmente apelos aparatos da religião, estado e família, repassados historicamente.

Romper com o modelo patriarcal gera grande insatisfação, pois suscita pensar sobre temáticas interligadas ao campo simbólico e material tais como: virilidade, violência, apropriação de bens e de corpos, comportamentos que tentam estabelecer a superioridade masculina, entram no campo das investigações que colocam em xeque o homem e suas relações de poder.

O modelo de masculinidade descendente do patriarcalismo defende o homem como centro das instituições sociais e definem ainda um modelo a ser seguido: a masculinidade hegemônica. Por sua vez, a masculinidade tóxica e o machismo são expressões desse modelo, em que poder, força e violência são, frequentemente, sexualizados e racializados.

Tomando como base as produções acadêmicas, percebe-se a necessidade de mais estudos sobre masculinidade, considerando que este é um campo de construção teórica recente e ainda pouco investigado.

Diante disso, é necessário perscrutar sobre as proposições relacionadas à masculinidade, partindo do princípio de suas diversas manifestações, compreendendo que a ideologia patriarcal projeta o modelo hegemônico, e este concebe padrões de masculinidade tóxica e machismo, todavia, urge a ideia de compreender as masculinidades e suas peculiaridades e pluralidades. Tal fator provoca a necessidade de construir aportes teóricos e conceituais que atravessem campos reais e simbólicos envolvendo raça, cor, etnia, questões econômicas; além de saúde, de segurança e de direitos.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em: www.antrabrasil.org Acesso em: 15 abr. 2022.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BARROS, Duda Monteiro. *Revista Veja – Movimento Red Pill revela face cruel e reacionária do machismo nas redes – inaceitável iniciativa de cunho misógino reverbera planeta afora em onda cuja hashtag alcançou inacreditáveis 44 bilhões de visualizações*. *Veja online*, 10 mai 2023, 10h28min. Publicado em: 10 mai 2023. Disponível em: [tps://veja.abril.com.br/comportamento/movimento-red-pill-revela-a-face-cruel-e-reacionaria-do-machismo/](https://veja.abril.com.br/comportamento/movimento-red-pill-revela-a-face-cruel-e-reacionaria-do-machismo/) Acesso em: 28 mar. 2024.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo – a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BENTO, Berenice. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

CÉSAR, Francisco. *A gente acorda num hotel em Teresina e se pergunta o que é um homem?* Teresina, Piauí, 12 jul, 2022. Instagram: @chicocésaroficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cf6YqUUgNSa/?igshid=MDJmNzVkMjY=> Acesso em: 12 jul. 2022.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (Coord.). *Atlas da violência 2019*. Brasília: Rio de Janeiro São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: www.ipea.gov.br Acesso em: 15 jul. 2022.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

CONNELL, Raweyn; MESSERCHMIDT, James. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC> Acesso em: 13 out. 2019.

CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul. 1995.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

GELEDES. Portal Geledes. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/> Acesso em: 20 jun. 2022.

GERALDO, Natália. “Grito da masculinidade” viraliza: só um meme engraçado ou preocupante? *UniversaUol*, 06 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/07/06/o-grito-da-masculinidade.htm>. Acesso em: 05 ago. 2022.

GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa; (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Assassinatos de LGBT no Brasil Relatório 2016*. Salvador: GGB, 2023. Disponível em: www.homofobiamata.files.wordpress.com. Acesso em: 30 nov. 2023.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Manual de Sobrevivência*. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2013/08/manual-de-sobrevivencia-homossexual.pdf> Acesso em: 19 dez. 2021.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Observatório de mortes violentas LGBTI+ no Brasil-2020*. Disponível em: www.grupogaydabahia.com.br Acesso em: 12 dez. 2021.

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200103&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 05 jul. 2022.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARTIN, Roberto. “O primeiro lugar a perpetuar o machismo não é a escola, é a família” diz pesquisador. Para Fábio Mariano da Silva, a discussão sobre masculinidades (no plural) aponta caminhos para romper com a ideia de sujeito universal. *Carta Capital*, 24 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/entrevistas/o-primeiro-lugar-a-perpetuar-o-machismo-nao-e-a-escola-e-a-familia-diz-pesquisador/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. Ideologia de gênero: notas para a Genealogia de um Pânico Moral Contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 32, p. 01-03. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2024.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MILLET, Kate. *Política Sexual*. Tradução de Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Portugal, Publicações Dom Quixote, 2000. Disponível em: <https://seminariolecturasfeministas.files.wordpress.com/2012/01/kate-millet-polc3adtica-sexual.pdf> Acesso em: 10 jul. 2022.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, 2011.

QUATEL, Letícia. *É a frustração masculina que decide os rumos políticos do Brasil hoje*. Vice. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/wj3qay/e-a-frustracao-masculina-que-decide-os-rumos-politicos-do-brasil- hoje> Acesso em: 13 jul. 2022.

RIBEIRO, Vaena Carolina Martins. *O que eles dizem?: a violência doméstica contra as mulheres a partir dos homens agressores*. Montes Claros, 2017. Disponível em: <http://www.posgraduacao.unimontes.br/upload/sites/20/2019/05/Viena-Caroline-Martins-Ribeiro.pdf> Acesso em: 20 ago. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica, 2001.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre: Vozes, 2010.

SOUSA, Glicia Cleani de. *Padrões de masculinidade e violência contra gays e travestis na cidade de Catolé do Rocha-PB*. 2023. Dissertação (Mestrado

em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido) – UERN, Pau dos Ferros, 2023. Disponível em: <https://propeg.uern.br/plandites/default.asp?item=pp3197-dedefesas> Acesso em: 21 mar. 2024.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VALENCIA, Sayak. Nuevas masculinidades? Sexismo Hipster y Machismo Light. *Topografías de la violencia: Mismidades, alteridades, misoginia*. Universidad Nacional Autónoma del México. 2013. Disponível em: <https://colectorepositorioinstitucional.mx>. Acesso em: 12 ago. 2022.

VIEIRA, Danilo; FREIRE, Felipe; LEITÃO, Leslie. *G1*. Funcionárias de hospital desconfiaram de anestesista e trocaram sala de parto para fazer o flagrante de estupro. *Portal G1 online*, 11 jul. 2022, 07h38min. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/11/video-mostra-momento-em-que-anestesista-estupra-gravida-durante-o-parto.ghtml> Acesso em: 20 mar. 2024.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação de mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Femininos*. v. 9 (2), 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/> Acesso em: 18 mar. 2024.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na Casa dos Homens: um estudo sobre os grupos de Whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa. Ebook: *Gênero e perspectiva*. Publisher: CRV, 2020. p. 79-102. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368023065_MASCULINIDADES_CUMPLICIDADE_E_MISOGINIA_NA_CASA_DOS_HOMENS_um_estudo_sobre_os_grupos_de_whatsapp_masculinos_no_Brasil. Acesso em: 15 mar. 2024.

Recebido em: 03 de dezembro de 2023

Aprovado em: 09 de abril de 2024